



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA**

LUCAS CRISTHIAN ALMEIDA DUARTE FERREIRA

SUICÍDIO COMO ACTING OUT NA NEUROSE

**CAMPINA GRANDE
2018**

LUCAS CRISTHIAN ALMEIDA DUARTE FERREIRA

SUICÍDIO COMO ACTING OUT NA NEUROSE

Trabalho de Conclusão de Curso da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Profa. Dra. Elisângela Ferreira Barrêto.

**CAMPINA GRANDE
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

F383s Ferreira, Lucas Cristhian Almeida Duarte.
Suicídio como acting out na neurose [manuscrito] / Lucas
Cristhian Almeida Duarte Ferreira. - 2018.
20 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Psicologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Ciências Biológicas e da Saúde, 2018.
"Orientação : Profa. Dra. Elisângela Ferreira Barrêto ;
Departamento de Psicologia - CCBS."
1. Psicanálise. 2. Suicídio. 3. Acting out. 4. Neurose. I.
Título
21. ed. CDD 362.25

AGRADECIMENTOS

LUCAS CRISTHIAN ALMEIDA DUARTE FERREIRA

A esta universidade, direção e administração que oportunizaram a chance que hoje valentoso em horários sempre, devido pela confiança do mesmo e está aqui presente.

Agradeço a todos os professores que contribuíram para a minha formação proporcionada não apenas um conhecimento racional, mas a manifestação de caráter e atividade da educação, processo de formação profissional.

SUICÍDIO COMO ACTING OUT NA NEUROSE

Agradeço a todos os professores que contribuíram para a minha formação proporcionada não apenas um conhecimento racional, mas a manifestação de caráter e atividade da educação, processo de formação profissional.

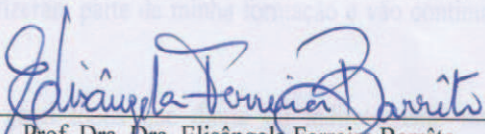
Aos meus pais, pelo amor, incentivo e apoio incondicional. Agradeço especificamente a minha mãe, Sandra Lara Duarte, uma heroína que desde sempre priorizou a educação dos seus filhos, através de muito trabalho e dedicação, muito obrigado pelo incentivo nas horas difíceis, de desânimo e cansaço. Ao meu pai que apesar de todas as dificuldades, contribuiu de certa forma para que esta formação fosse possível.

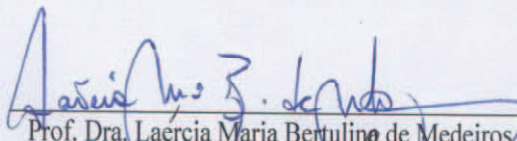
Obrigado aos meus amigos, Luiz Henrique Almeida Duarte Ferreira, que nos momentos de necessidade me ofereceu o seu serviço de apoio emocional, suporte, além de sua amizade e perseverança e dedicação. Amizade.

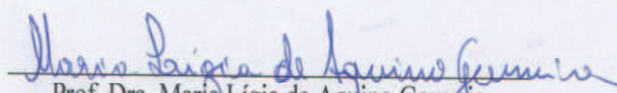
Artigo apresentado ao Programa de Graduação em Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Aprovada em: 29/11/2018.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dra. Elisângela Ferreira Barrêto
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dra. Laercia Maria Bertulino de Medeiros
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dra. Maria Lígia de Aquino Gouveia
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

AGRADECIMENTOS

A esta universidade, direção e administração que oportunizaram a janela que hoje vislumbro um horizonte superior, eivado pela confiança no mérito e ética aqui presentes.

Agradeço a todos os professores, que contribuíram para a minha formação, proporcionado não apenas um conhecimento racional, mas a manifestação de caráter e afetividade da educação no processo de formação profissional.

Agradecimento a parentes e amigos, que de certa forma me incentivaram na escolha e na caminhada do curso, sem vocês essa formação não teria acontecido de forma amena.

Aos meus pais, pelo amor, incentivo e apoio incondicional. Agradeço especialmente a minha mãe, Sandra Iara Duarte, uma heroína que desde sempre priorizou a educação dos seus filhos, através de muito trabalho e dedicação, muito obrigado pelo incentivo nas horas difíceis, de desânimo e cansaço. Ao meu pai que apesar de todas as dificuldades, contribuiu de certa forma para que esta formação fosse possível.

Obrigado aos meus irmãos, Luiz Henrique Almeida Duarte Ferreira e Laryssa Karen Almeida Duarte Ferreira, que nos momentos desmotivadores me ajudaram a permanecer, servindo de apoio emocional, suporte, além de servirem de exemplo de perseverança e dedicação. Amo vocês.

Meu agradecimento especial ao amigo Petrúcio Araújo Reges, que sem sua colaboração não seria possível que este trabalho existisse. Por fim, a todos os amigos que conheci no curso, que fizeram parte da minha formação e vão continuar presentes em minha vida com certeza.

Agradecimento geral todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito OBRIGADO!

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	07
2	DESENVOLVIMENTO	08
2.1	Angustia de Freud a Lacan.....	09
2.2	Conceituações de <i>Acting Out</i> e diferenciação de passagem ao ato.....	11
2.3	Suicídio na neurose.....	14
3	CONCLUSÃO	17
	REFERÊNCIAS	19

SUICÍDIO COMO ACTING OUT NA NEUROSE

Lucas Cristhian Almeida Duarte Ferreira¹

RESUMO

No presente trabalho analisa-se a articulação entre a angústia e o suicídio na neurose a partir de uma revisão de textos psicanalíticos, bem como as ações frente à angústia tanto a passagem ao ato quanto o *acting out*. Nesse sentido, o suicídio será definido como escolha pelo término da própria existência, isto é, uma ação contra a própria existência, consistindo em uma tentativa ou um ato suicida. Assim, faz-se necessário definirmos o suicídio como um ato limite, na medida em que no estado crítico e fronteiriço, o sujeito apresenta uma redução de seus meios de defesa, acompanhada de grande angústia, nem sempre aparente, onde finalmente é levado a uma ruptura consigo e com o Outro, ejetando-se da cena do mundo. Conclui-se que, o presente trabalho tem por objetivo analisar o processo do *acting out* como um fenômeno frente a uma resposta de sofrimento psíquico do sujeito na estrutura neurótica. Especificamente, objetiva-se compreender a relação da angústia com o suicídio, o processo de desenvolvimento do *acting out*, bem como sua diferenciação a passagem ao ato. Para tanto, a presente pesquisa qualitativa, exploratória e bibliográfica.

Palavras-chave: passagem ao ato; *acting out*; suicídio; psicanálise.

ABSTRACT

In this work the articulation between anxiety and suicide in neurosis is analyzed from a review of psychoanalytic texts; it also includes the actions of anguish, both the passage to the act and the acting out. In this sense, suicide will be defined as a personal choice for the end of one's existence, that is, an action against one's own existence, consisting of a suicidal attempt or act. Thus, it turns necessary to define suicide as a limiting act, since in the critical and border state, the subject presents a reduction of his means of defense, accompanied by great anguish, not always apparent, where he is finally led to a rupture with himself and with the Other, ejecting himself from the scene of the world. Thus, we aim to critically analyze the acting out as a phenomenon facing a response of the subject's psychic suffering in the neurotic structure. Specifically, the objective is to understand the relationship between anxiety and suicide, the process of developing the acting out, as well as its differentiation from the passage to the act. For this, the present qualitative, exploratory and bibliographical research was done through the deductive method, by means of doctrinal analysis.

Keywords: passage to the act; acting-out; suicide; psychoanalysis.

¹ Aluno de Graduação em Psicologia na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.
Email: lucas_cristian_cg@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2015), estima-se que 800 mil pessoas possam se suicidar a cada ano, o que equivale a uma morte a cada 40 segundos, o suicídio representa 1,4% das mortes no mundo. Caracteriza-se por ser alvo de abordagens e compreensões distintas tanto pelas ciências quanto pela filosofia e pelas religiões. De fato, o suicídio se manifesta de forma tentada ou concreta, apresentando aspecto multifacetado, em virtude das abordagens e compreensões que o exploram como objeto. É um tema contemplado de impacto e sobressalto e que comporta situações de dor e de sofrimento.

Em seu artigo de 1917, intitulado “*Luto e melancolia*”, Freud apresentou o suicídio como uma forma de autopunição, um desejo de morte dirigido contra outrem que se vira contra o próprio sujeito. Para ele, o suicídio é o ato de matar a si mesmo para não matar a outrem. O suicídio é consequência de uma melancolia ou de um distúrbio narcísico grave: a atualização da pulsão de morte² através de *acting out* ou passagem ao ato.

Abordando o suicídio sob uma concepção contemporânea, Cassarola (1991, p 17-19), fala que o suicídio é a maior manifestação autodestrutiva do sujeito, frente á esse tempo em que governa o consumismo, na medida em que o homem precisa buscar uma saída para preencher esse sentimento de desamparo, frente à velocidade do tempo.

Deste modo, a articulação teórica sobre o tema *Acting Out na Neurose* sustenta-se em textos psicanalíticos. É assim que iniciamos o artigo com o termo angústia, tomando como base o texto *Inibição, Sintoma e Angústia*, de 1926, onde Freud pontua as reflexões e o desenvolvimento de seu pensamento sobre a angústia, um afeto que surge do fato do eu se esforçar pelo prazer e buscar evitar o desprazer e, com um aumento de desprazer, emitir um sinal de angústia. Já no *Seminário da angústia*, Lacan afirma que a angústia é uma manifestação específica do desejo do Outro. O surgimento

² Em 1920, com a publicação de *Mais-além do princípio de prazer*, Freud conceitua pulsão de morte como uma compulsão que leva o sujeito a se colocar repetitivamente em situações dolorosas, réplicas de experiências antigas. De origem inconsciente e, portanto, difícil de controlar. A pulsão de morte é justamente aquilo que transpõe o nível admissível de tensão. Mantendo o modelo dualista, no qual Freud sempre insistiu, Lacan fornece uma chave para entendermos esse dualismo: toda pulsão é, ao mesmo tempo, pulsão de vida e pulsão de morte. "A distinção entre pulsão de vida e pulsão de morte é verdadeira na medida em que manifesta dois aspectos da pulsão" (Lacan, 1973, p. 232).

da angústia se produziria no momento em que o lugar da falta, fosse ocupado pela intervenção flagrante do objeto *a*.

Em 1957, no seu Seminário *Les formations de l'inconsciente*, Lacan introduz o conceito de objeto *a* como o objeto parcial imaginário, um elemento que é imaginado como separável do resto do corpo. Portanto, objeto *a* é o objeto de desejo que buscamos no outro. Esse objeto perdido é justamente essa parte perdida de nós mesmos, para sempre perdida, que nós buscamos durante o percurso da vida. É essa parte perdida, para Lacan, o objeto com o qual nos relacionamos.

Por fim, o artigo abordará a questão do suicídio neurótico que é, muitas vezes, um *acting out*. Nesse sentido, o *acting out* seria o modo como o sujeito passa inconscientemente ao ato, dentro ou fora do tratamento psicanalítico, de maneira para impedir a verbalização da lembrança recalcada e para se furtar à transferência (PLON; ROUDINESCO, 1944, p.5). Foi partindo dessa definição que Jacques Lacan, em 1962-1963, em seu seminário 10, sobre *A angústia*, instaurou uma distinção entre *acting out* e passagem ao ato. Lacan define a passagem ao ato como um “agir inconsciente”, de um ato não simbolizável pelo qual o sujeito descamba para uma situação de ruptura integral, de alienação radical.

A temática do suicídio, por ser pouco abordado nos cursos de graduação de psicologia, acaba resultando no fato de que alguns profissionais acabam adotando uma *práxis* voltada ao modelo biomédico. Diante essa realidade, em que pese o preparo dos profissionais de Psicologia em torno de um maior manejo e entendimento frente à atuação profissional diante ao sujeito mergulhado em angústia e sofrimento psíquico que pode cometer ou pensar no suicídio como emergência. Assim, faz-se necessário uma reflexão mais profunda e crítica sobre o sujeito que sofre, além de refletir sobre a vida e como esta está pautada na contemporaneidade.

O presente trabalho tem por objetivo analisar o *acting out* como um fenômeno frente a uma resposta de sofrimento psíquico do sujeito na estrutura neurótica. Especificamente, objetiva-se compreender a relação da angústia com o suicídio, o processo de desenvolvimento do *acting out*, bem como sua diferenciação a passagem ao ato. Para tanto, a presente pesquisa qualitativa, exploratória e bibliográfica.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1- Angústia: de Freud a Lacan

Em seus primeiros trabalhos, Freud analisa a angústia por um referencial fisiológico, suas observações acerca das neuroses atuais o fizeram situar considerações sobre a questão da angústia. Freud afirmou que a angústia é um sinal de perigo frente a uma situação de perda muito temida. Essa situação varia ao longo do desenvolvimento psíquico do sujeito: para a criança muito pequena, trata-se do perigo do desamparo, pois ela é completamente dependente da pessoa que assume a função materna. (PISETTA, 2008, p.1).

Na primeira infância, ganha destaque o perigo da perda do amor dos pais, pois o infante percebe que seus cuidadores não estão sempre disponíveis para ele. Posteriormente, quando as crianças entendem a diferença entre os sexos, o perigo fantasiado é a ameaça de castração. Já no período de latência (está localizado entre as fases fálica e genital, cronologicamente, esse período localiza-se aproximadamente entre os seis e dez anos de idade), com a dissolução do complexo de Édipo, a angústia é transformada em temor de ser punido pelo supereu (a instância psíquica herdeira das proibições parentais), ou de perder o seu amor. A transformação final é o medo da morte enquanto temor do supereu projetado nos poderes do destino. (ibid, p.1).

Segundo Freud, a angústia é tida então como primária e como força a favor deste recalque³, que é o secundário, e não como tendo surgido a partir da tensão sexual de ordem física que fora recalcada. A angústia é angústia de castração e na medida em que é um afeto, reproduz um evento antigo que representou uma ameaça de perigo, o qual traz consigo a experiência do desamparo e a ausência de representantes psíquicos, segunda teoria sobre a angústia (PISETTA, 2008, p.1).

Em “*Inibições, sintomas e ansiedade*”, de 1936, Freud, assinala outras contribuições para o surgimento da angústia, chegando a pontuá-la como algo inerente a condição humana, e ao próprio ato do nascimento. Influenciado por Rank, Freud, pontuou o ato do nascimento como a primeira experiência de angústia dos humanos e

³ Para Sigmund Freud, o recalque designa o processo que visa a manter no inconsciente todas as ideias e representações ligadas às pulsões e cuja realização, produtora de prazer, afetaria o equilíbrio do funcionamento psicológico do indivíduo, transformando-se em fonte de desprazer. Freud, que modificou diversas vezes sua definição e seu campo de ação, considera que o recalque é constitutivo do núcleo original do inconsciente. (PLON; ROUDINESCO, 1944, p.647).

animais superiores. No entanto, sendo cuidadoso ao não pontuar a presença da ansiedade como sendo sempre uma reprodução do ato do nascimento.

O momento do nascimento é considerado o trauma mais formidável da existência humana, com o primeiro ato de separação do bebê de sua mãe, ocasiona um verdadeiro sinal de alarme e experiência de grande comoção e angústia, motivada pela necessidade de o eu se defender diante da iminência de um perigo. Trata-se eminentemente de uma reação à perda, à separação de um objeto fortemente investido. (PISETTA, 2008, p.1).

Freud em *Inibições, Sintomas e Angústia*, (1936, p.160) enfatiza como circunstâncias primordiais causadoras de angústia a perda ou a separação da mãe, provedora de todas as necessidades da criança e o advento da castração. Freud defendia a existência do objeto do desejo, mas, apesar de falar da angústia como "angústia por algo", afirma que a angústia não tinha objeto. A angústia estava relacionada à falta.

No *Seminário, Livro 10: a Angústia*, Lacan já acentuava questões relacionadas a este tema. Retomando o complexo de Édipo o nomeia como Nome-do-Pai e, sobressaltando seu mecanismo principal, descreve o complexo de castração como tendo primeiramente seus efeitos na direção do Outro⁴ para só depois ser efetivado na criança. Sendo o investimento do desejo materno anterior ao surgimento da criança, é primeiramente neste lugar (Outro primordial) que a castração deve ter sua eficácia.

No seminário sobre a relação de objeto, Lacan concorda com Freud e descarta um objeto para a angústia, demarcando a necessidade lógica do recalque na conformação do objeto do desejo. (LACAN, 1995, p. 252). Logo depois, em 1962, no *Seminário 10: a Angústia*, Lacan declara que o objeto da angústia não pode ser ligado às bases freudianas da delimitação do conceito de objeto, ou seja, há algo que provenha do recalque e da possibilidade de simbolização que este último confere. Ele esclarece que a angústia tem objeto, ela "não é sem tê-lo". O objeto sem imagem é da ordem do Real.

Ele nos diz que o objeto da angústia nos remete a algo não objetivável, ao contrário, nos introduz na pura função da falta (ibid, p. 99). Ser um objeto externo ao campo da objetividade não situa, por outro lado, o objeto da angústia como alheio em relação aos demais objetos do desejo. Pelo contrário, postulá-lo indica uma reordenação

⁴ Foi em 1955, que Lacan introduziu pela primeira vez o termo grande Outro, distinguindo-o do pequeno outro. Termo utilizado para designar um lugar simbólico, a lei, a linguagem, o inconsciente, ora de maneira externa a ele, ora de maneira intra-subjetiva em sua relação com o desejo. Pode ser simplesmente escrito com maiúscula, opondo-se então a um outro com letra minúscula, definido como outro imaginário ou lugar da alteridade especular.

precisa ao campo geral dos objetos, já que ele se situa como a falta radical que, mantida, possibilita a circulação dos demais objetos.

A angústia seria, portanto, da ordem do real, ou seja, ela invade o corpo e constitui para o sujeito uma certeza absoluta. A angústia não é um simples sinal de perigo diante de uma perda de objeto. Ou seja, ela não constitui sinal de uma falta, mas sim o sinal da “falta da falta”.

Nesse sentido, afirma Lacan (2005, p. 64) que “o que provoca a angústia é tudo aquilo que nos anuncia que nos permite entrever que voltaremos ao colo”.

De acordo com Pisetta (2008, p.1), é nesse momento que Lacan pensa a importância do objeto *a* para a questão da angústia, uma vez que ao tratar o cálculo da subjetividade, em que o S (sujeito) no encontro com o O (Outro) processa a operação subjetiva, ao mesmo tempo se produz o sujeito barrado, deixa de fora o objeto eternamente perdido, o objeto *a*, e ao lidarmos com ele que, de um lado temos o desejo, do outro a angústia.

Dessa maneira, podemos afirmar na angústia, a ameaça de aproximação do objeto *a*, da reintegração pela mãe de seu produto, por isso ela (a angústia) "não é sem tê-lo". As experiências que nos trazem tal dimensão são aquelas ditas traumáticas ou que se associam a tais vivências cujo excesso de "quantidades" pode decorrer numa saída razoável, ser amarrado num sintoma ou num fenômeno psicossomático. Caso contrário, essa energia livre desestabiliza o sujeito, ao ameaçarem sua constituição, ocasionando, portanto, sofrimento psíquico e angústia ao sujeito, podendo desembocar num *acting out*, ou passagem ao ato. (FONSECA, 2009, p.1).

2.2 - Conceituações de *Acting Out* e diferenciação de passagem ao ato

O Criador da Psicanálise, Freud aplicou esse termo *agieren* (traduzido para o inglês como *acting out*) em 1905, Freud fez uso desse termo com a situação transferencial da análise do “Caso Dora” e devido a sua resistência adveio à substituição da memória através da ação para fora. Ao observar no acolhimento psicanalítico a interrupção precoce por parte de Dora do tratamento, Freud escreveu que ela atuou uma parte de suas lembranças e fantasias ao invés de expressá-las com palavras no processo analítico.

Nos termos de Freud (1974, p. 116):

A transferência apanhou-me desprevenido, e, devido ao que havia de desconhecido em mim que a fazia lembrar-se de Herr K, ela vingou-se em mim como desejara vingar-se dele, abandonando-me do mesmo modo como se sentira abandonada e enganada por ele. Assim Dora ‘atuou’ uma parte essencial das suas lembranças e fantasias, em vez de reproduzi-las no tratamento psicanalítico; isso em psicanálise é “acting out.

Retornado ao texto *Recordar Repetir e Elaborar*, Freud define o *acting out* como a tendência a repetir, no tratamento analítico, padrões e experiências infantis, em vez de recordá-las. Isso ocorre quando a resistência se intensifica, e a transferência se torna intensamente erótica ou hostil. Tal como a transferência, o *acting out* é expressão da resistência, mas é também um instrumento do processo analítico, uma vez que, como sabemos, “é impossível destruir alguém em efígie” (idem, 1912, p. 108).

O *acting out* se apresenta, em contraposição ao recordar, como a repetição do passado recalçado na análise, na transferência para o analista, mas também em todos os outros aspectos da situação atual, já que a transferência em análise e o próprio alcance dos efeitos analíticos não se limitam ao que ocorre no âmbito do consultório do analista. (idem, 1914, p. 151).

Apoiando essa estreita ligação entre *acting out* e neurose de transferência, Freud dirá em 1920 que as repetições da vida sexual infantil se apresentam com surpreendente exatidão, e que invariavelmente são atuadas na esfera da transferência (idem, 1920, p. 18).

Em sua última formulação sobre o tema, Freud caracterizará o aspecto resistencial do *acting out* como sendo constituído especialmente pelo atuar fora da transferência. Aponta como ideal que o analisando se comporte da forma “mais normal possível” fora do tratamento, e que sintomas e reações anormais se manifestem apenas na transferência. (RUDGE, 2008, p.1).

Lacan no *seminário XV* ressalta que a única passagem ao ato que atinge o objetivo de saída plena do sujeito da cena para o mundo é o suicídio. Todas as outras passagens ao ato são tentativas de rupturas com a cena, mas no instante seguinte do ato, que não leva à morte, o sujeito rapidamente é absorvido pela cena e pela cadeia significante.

O *acting out*, é tomado por Lacan como uma mensagem “encenada”. Ressaltando o aspecto demonstrativo do *acting out*, voltado para o Outro, equivalente a uma fala e comportando uma demanda de interpretação, lhe oporá a passagem ao ato

como saída de cena do sujeito a partir de sua identificação absoluta ao objeto *a*. (LACAN, 2005, p.67).

De acordo com Carvalho (2002, p.) o *acting out* pode se produzir a partir de um licenciamento do sintoma, onde se encontra um atravessamento do campo simbólico (do sintoma) por uma mostração direcionada ao Outro que dirige a relação fantasmática entre sujeito e objeto. Já na passagem ao ato ocorre uma precipitação que lança o sujeito em um movimento para fora da cena.

Conforme Lacan (1962) o *acting out* é algo que é mostrado na conduta do sujeito, orientado para o Outro, uma “mostração”, uma mostragem, em busca de uma interpretação. Diferente da passagem ao ato, o *acting out* é uma demanda de simbolização, dirigida a um Outro, para ser decifrada.

O que angustia o sujeito não é a castração, mas positivá-la como garantia da função do Outro. "Neste lugar de falta o sujeito é chamado a dar o troco através de um signo, o da sua própria castração" (LACAN, 2005, p.56).

Segundo Harari, (1997, p.49) um ponto crucial e comum entre a passagem ao ato e o *acting out* é a relação do sujeito com o Outro. Pontuada em uma seção a parte, a relação entre a angústia e o Outro, na teoria lacaniana, eleva-se, tendo como base o objeto *a*: É a partir do Outro que o *a* assume seu isolamento, e é na relação do sujeito com o Outro que ele se constitui como resto.

Portanto, o objeto *a* emerge em sua constituição como resto e de forma isolada a partir do Outro. Na passagem ao ato, há uma identificação absoluta do sujeito com o *a* enquanto que no *acting out* esse resto é o essencial do que é mostrado. (RUDGE, 2008, p.1).

De acordo com Lins e Rudge (2012, p.80-81), o *acting out* tem como característica principal a compulsão à repetição. Ou seja, o sujeito repete sem saber que o faz sempre incluindo o Outro na cena. Mesmo sem subjetivar o seu ato, o sujeito denuncia algo do seu desejo, mostrando que sujeito e objeto encontram-se separados. Já na passagem ao ato o sujeito encontra-se absolutamente identificado com o objeto *a*, e por essa razão ele rompe com a cena, em última análise o sujeito rompe com o Outro.

Em suma, para diferenciar esses dois processos, em seu seminário sobre *angústia*, em 1962, Lacan decorre que a passagem ao ato, é um ato não simbolizável, que leva o sujeito a uma situação de ruptura integral, na qual se encontra em uma identificação absoluta com o objeto *a*, uma queda no vazio, uma queda para fora da cena. Já o *acting out* seria uma tentativa de evitar a angústia. Nele, algo que não pode

ser dito por falta de simbolização é mostrado, sem que possa ser lembrado. Aquele que age não sabe o que mostra, ficando a cargo do Outro a tarefa de decifrar e interpretar sua conduta.

Por fim, com o intuito de constituir uma diferença entre a passagem ao ato na neurose e na psicose, Carvalho (2002, p. 68) esclarece que a passagem ao ato na neurose é justamente a precipitação do sujeito, a partir de um encontro desestabilizador, para fora da cena fantasmática onde ele ocupava uma posição de resposta ao desejo do Outro. Já na psicose, como gozo e Outro não se separam, há uma tendência "a operar diretamente sobre o real nos fenômenos de passagem ao ato, em suas tentativas de barrar o Outro em sua dimensão invasiva e excessiva".

2.3 - Suicídio na neurose

De acordo com Castro e Vorcaro (2014, p. 1). Na clínica da neurose, a angústia é um guia e a manobra clínica vai em direção ao real a partir da mediação simbólica. O neurótico interroga o desejo do Outro. Já na psicose, a angústia não funciona como um sinal, ocorre aqui a impossibilidade formal de se fazer a pergunta pelo desejo do Outro. Ao contrário da neurose, onde o objeto *a* é extraído do corpo negativizado pela castração, na psicose o sujeito encarna o objeto.

Consoante Castro e Vorcaro (idem, p. 1), na neurose, adverte que a angústia coloca o sujeito a certa distância da experiência do real, introduzindo desse modo um intervalo entre o sujeito e o gozo mortífero, um intervalo que possibilitaria algum manejo subjetivo, sem desaparecimento da sua condição de sujeito. Na psicose há uma maior probabilidade na passagem ao ato, ao contrário do que ocorre na neurose, uma vez que esta se fundamenta na fantasia⁵.

O suicida pode ser considerado o sujeito da tiquê, que é uma forma de repetição, na qual o sujeito repete sempre a mesma falha, mas trazendo um algo novo. Diante desse gozo da repetição, vivido como excesso ou perda, o sujeito pode ser levado a um ato, em uma tentativa de pôr um limite, mas também de nada querer saber sobre isso (CARVALHO, 2014, p. 147).

⁵ Nos termos de Castro e Vorcaro (2014, p. 1). A fantasia é, então, ao mesmo tempo, suporte do desejo para o sujeito e ferramenta para lidar com a falta do Outro, para tamponar a falta no Outro. É uma forma de fazer suplência à impossibilidade da relação sexual. Então, perder o objeto pode causar um abalo tal na fantasia, que leve o neurótico a um ato suicida.

O suicídio neurótico é, muitas vezes, "um *acting out*, isto é, um ato no qual o sujeito cria a cena e participa dela, como se fosse autor, ator e diretor da obra, cuja finalidade é alcançar o Outro, daí seu aspecto de mostração" (Ibid, p. 157). O neurótico, diante da falta do Outro, do enigma do desejo do Outro, responde com a fantasia, onde o sujeito se relaciona com o objeto causa de seu desejo, que é também o objeto para sempre perdido e objeto mais-de-gozar.

Nas neuroses, a realidade da castração está recalçada e retorna nas significações do sujeito pelos sintomas e pelas demais formações do inconsciente. O recalçado, portanto, está mascarado e só se torna inteligível pela decifração na experiência analítica. Assim, ainda que de forma encoberta, o neurótico testemunha o funcionamento da cadeia significante inconsciente como o lugar do discurso do Outro. (CASTRO e VORCARO 2014, p. 1).

Congruente com Freitas (2015, p.1), o que o neurótico faz é recobrir a falta do significante falo com um objeto, objeto, este, causa de seu desejo. Ao usar um objeto para preencher a falta do falo, não há garantia de sucesso, uma vez que não existe equivalência lógica entre objeto e significante. Assim, a fantasia pode ser abalada e, como é o suporte do desejo, o desejo também será abalado. Sua queda como objeto perdido inscreve a impossibilidade de um gozo absoluto que funda o desejo como a eterna busca desse objeto.

Para Carvalho (2014, p.167). Na neurose obsessiva, o sujeito normalmente está do lado da fórmula da fantasia, no lado masculino, gozando de seu objeto. O obsessivo, ao perder o objeto que sustentava seu desejo e seu gozo, perde uma posição de gozo, ocasionando uma agitação na sua fantasia aparecendo cruamente à falta no Outro.

O obsessivo, como todo neurótico, está apontado para o desejo, ao alcançar o desejo no Outro, o que causa angústia, ele recorre, como defesa, à demanda do Outro. O revestimento do desejo pela demanda aparece à intensa dificuldade do sujeito obsessivo para passar ao lugar do desejo e sustentá-lo por conta própria. Na indecisão entre extinguir o Outro ou mantê-lo de qualquer maneira, o obsessivo aponta a sua intensa dependência do Outro para o alcance do acesso ao desejo. A solução é recobrir o desejo com a demanda do Outro. O obsessivo está sempre à espera que o Outro lhe consulte, movimento através do qual ele anula o desejo do Outro, reduzindo-o à demanda. (RINALDI 2018, p.x).

É através da articulação da demanda, que o obsessivo alimenta sua relação com o desejo. Como diz Lacan no Seminário 5: "É numa certa relação precoce e essencial

com sua demanda, que ele pode manter a distância necessária para que lhe seja possível em algum lugar, mas de longe, esse desejo anulado em sua essência, esse desejo cego que se trata de garantir” (LACAN, 1957 p. 481).

Na histeria é a perda do amor e a consequente perda de lugar de objeto causa de desejo de um homem que leva a histérica ao suicídio. É um abandono dramático do sujeito em perder o lugar de objeto que causava o desejo para um homem. A histérica busca o suicídio normalmente por meio de um *acting out*, em uma tentativa desesperada de apelar ao Outro para que lhe "restitua o amor e o lugar de complemento de seu desejo, opondo-se a reduzir-se a puro resto" (CASTRO e VORCARO 2014, p. 1).

De acordo com Rinaldi (2018, p.x) a histérica procura encontrar seu desejo no desejo do Outro, no que ela idealiza ser o desejo do Outro, o obsessivo, busca em um afora, ao buscá-lo além, o que ele dirige é o desejo como tal na medida em que ele nega o Outro. Ressaltando assim, a presença da pulsão de morte, como suporte desse desejo puro.

3 CONCLUSÃO

O suicídio implica na ruptura radical da dialética com o Outro e suas versões, com a lei, com o significante e com corpo. Assim sendo, não há como o sujeito se amparar na existência. O suicídio acaba sendo uma forma de comunicação, como um pedido de socorro do próprio sujeito. Em geral, o suicida expressa a intenção do ato através de palavras e comportamentos.

O sofrimento psíquico, bem como a angústia, são fatores que corroboram para o ato do suicídio. Mergulhado no vasto sofrimento, o sujeito angustiado, procura uma maneira de saída.

Pode-se afirmar que há angústia quando a vida é ameaçada. Nesse sentido, Freud aduz que o eu é capaz de se destruir dado seu grande amor por si e indica que, quando identificado ao objeto, o eu pode cometer delitos contra si próprio, até mesmo matar-se nessa anulação da alteridade. Deste modo, essa situação se dá através relação do sujeito com o Outro, a partir do objeto *a*, relação essa que permite a compreensão sobre a angústia quando a falta vem a faltar. Portanto, a articulação proposta se dá por vias do objeto *a*, concebendo a tentativa ou o ato suicida como tentativas de descargas que se produzem diante do sofrimento, o qual não pode ser descrito com palavras.

Face ao exposto, tanto a passagem ao ato quanto o *acting out*, surge como um movimento perante a angústia, seja de uma saída de cena, como ato momentâneo que impede qualquer representação para o sujeito seja por uma ênfase demonstrativa ao Outro, ou por um clamar pela interpretação. Na passagem ao ato, seria um ato não simbolizável, que leva o sujeito a uma situação de ruptura integral, na qual encontra-se em uma identificação absoluta com o objeto *a*. Ela não é um ato dirigido a alguém para ser decifrado e, sim, uma queda no vazio, uma queda para fora da cena.

Portanto, a vida precipitar-se desde sempre para a morte, como não há experiência da morte, ela é simbolizada de outro modo, justamente pelo significante privilegiado que representa o desejo e o impulso da vida.

A perspectiva psicanalítica, procura encara o sujeito que tem ideias suicidas ou que sobrevive a uma tentativa de suicídio, como um sujeito que não suporta ou que não suportou a falta-a-ser, cuja conduta terapêutica pode colaborar para uma implicação do sujeito, confronto e da responsabilidade para com seu ato, contribuindo assim a possibilidade de uma retificação subjetiva desse sujeito que sofre.

Referências

CARVALHO, Soraya. **A morte pode esperar? Clínica psicanalítica do suicídio.** Associação Campo Psicanalítico. Salvador, 2014.

CASSAROLA, Roosevelt Moises Smeke. **Considerações sobre o suicídio, Do suicídio: Estudos brasileiros** Campinas, 1991.

CASTRO, Gabriela, Rodrigues Mansur de; VORCARO, Angela Maria Resende. **A passagem ao ato na neurose e na psicose.** Revista Subjetividades, vol.14 n.3 Fortaleza, 2014.

FONSECA, Maria, Carolina, Bellico, **O objeto da angústia em Freud e Lacan,** Reverso v.31 n.57 Belo Horizonte, 2009.

FREITAS, Geísa, **A morte pode esperar? Clínica psicanalítica do suicídio,** Stylus (Rio J.) no.31 Rio de Janeiro. 2015.

FREUD, Sigmund. **Recordar, repetir e elaborar,** Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol 12. Rio de Janeiro, 1996.

_____. (1926/1976). **Inibição, sintoma e angústia,** Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 20. Imago Rio de Janeiro, 1996.

_____. (1915/1917). **Luto e melancolia,** Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 14. Rio de Janeiro: 1996.

_____. (1833/1895). **Estudos sobre a histeria** In: SALOMÃO, Jayme (Dir.). Rio de Janeiro: 1996.

HARARI, Roberto. O seminário, **A angústia de Lacan: uma introdução.** : Artes e Ofícios, Porto Alegre 1997.

LACAN, Jacques (1962-1963). O Seminário. Livro 10: **A angústia.**: Zahar, Rio de Janeiro 2005.

_____. (1957-1958). O seminário: Livro 5: **As formações do inconsciente.** Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 2005.

_____. (1953-1980). **A angústia.**: Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1999.

_____. (1953-1980). O seminário, livro 7: **a ética da psicanálise.** Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 2005.

LINS, Tatiana. **Impulsividade na Teoria Psicanalítica: do ato falho à passagem ao ato.** PUC-RIO. Rio de Janeiro, 2012.

LINS, Tatiana; RUDGE, Ana Maria **Ingresso do conceito de passagem ao ato na teoria psicanalítica.** *Trivium*, vol.4, no.2, Rio de Janeiro, 2012.

PISETTA, Maria Angelica Augusto de Mello Pisetta, **Considerações sobre as teorias da angústia em Freud**, Revista Psicol. cienc. prof. vol.28 no.2 Brasília, 2008.

PLON, Michel; ROUDINESCO, Elisabet. **Dicionario de Psicianalise..** Zahar, Rio de Janeiro, 1988.

RINALDI, Doris. **O falo e a morte na dinâmica da neurose obsessiva**. Disponível em <http://www.interseccaopsicanalitica.com.br/int-biblioteca/DRinaldi/Doris_Rinaldi_falo_morte_NEUROSE_OBSSESSIVA.doc>. Acessado em 20 de novembro de 2018.

RUDGE, Ana Maria. **Que atos são esses? Luto e acting out**. Psyche v. 12 n. 22. São Paulo, 2008.